

## ESCOLA LIBERTADORA: EXERCÍCIOS DE CRÍTICA E CRIAÇÃO EM UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA-AÇÃO

SANTOS, J.C.S.<sup>1</sup>; CHAVES, R. J.<sup>2</sup>; MIRANDA, A. O.<sup>3</sup>; SENA, T. C.<sup>4</sup>; OLIVEIRA, S. C.<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Docente do IFNMG – Campus Araçuaí; <sup>2</sup>Docente do IFNMG – Campus Araçuaí; <sup>3</sup>Docente do IFNMG – Campus Araçuaí; <sup>4</sup>Docente do IFNMG – Campus Araçuaí; <sup>5</sup>Técnica em Assuntos Educacionais do IFNMG – Campus Araçuaí.

Palavras-chave: Processos educativos; Pedagogia engajada; Conscientização; Libertação.

### Introdução

O processo coletivo de invenção de um espaço escolar em que a educação seja realizada como prática da liberdade impõe-nos a exigência ética e política de romper com relações pedagógicas narradoras e dissertadoras que estruturam as relações verticais entre professores e estudantes, relações estas que se coadunam e contribuem para conformar o universo de relações de opressão socialmente existentes. Partindo do diagnóstico de Paulo Freire acerca da “concepção ‘bancária’ de educação”, bem como dos aportes elaborados por bell hooks, sintetizados no conceito de “pedagogia engajada”, a pesquisa-ação desenvolvida realizou trabalhos educativos como processos coletivos de exercício de crítica e criação dentro dos quais buscou-se vivenciar dinâmicas de subjetivação cidadã orientadas à construção de uma “democracia de alta intensidade”, nos termos de Boaventura Sousa Santos.

A educação escolar tem sido central na reprodução da ordem social e sustentáculo das dinâmicas de opressão existentes. Freire (1987) conceituou a educação dominante como educação bancária, o que não equivale dizer que ela se restrinja a um modelo fixo e estanque. É antes um conjunto extenso de orientações teóricas e práticas, concepções e práticas educativas voltadas à adaptação, acomodação e resignação em relação aos fundamentos estruturais da desigualdade e da opressão.

O campo da educação popular, atento a processos formativos que ocorrem e animam o conjunto das práticas sociais, tem estabelecido diretrizes teóricas e práticas para o exercício de práticas educativas que, se compreendem a educação escolar, não se limitam a ela e a ultrapassa. Essa vertente do pensamento pedagógico vê sempre as imbricações educativas da ação política bem como o conteúdo político dos processos educativos. Portanto, compreende que as lutas sociais possuem bases educativas, e são portadoras de pedagogias próprias. Frisa-se, por exemplo, que a conquista e exercício de direitos em uma democracia, incluindo aí, o direito à educação escolar, foram frutos de lutas travadas também por sujeitos excluídos dos processos formais de educação, mas engajados e ativos na transformação da realidade. Conforme argumenta Freire, todas (os) as (os) que agem pela transformação social reconhecem “a necessidade do convencimento das massas oprimidas para que aceitem a luta pela libertação – o que de resto é óbvio – reconhecem implicitamente o sentido pedagógico desta luta” (FREIRE, 1987, p.31).

Na perspectiva freiriana, não há qualquer transformação da condição de vida dos oprimidos sem que ocorra um processo de conscientização, mas não pode haver processo de conscientização na ausência de diálogo.

Vemos em Paulo Freire que a emancipação é parte de um processo de desconstrução do *status quo*. Desconstrução que não tem como ser destruição já que ela está orientada à reconstrução. Daí que em Paulo Freire, o caráter processual da pedagogia do oprimido, aponta para dois momentos,

“O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente de libertação” (FREIRE, 1987, p. 23)

A educação bancária é uma prática educativa narradora, comprometida com a disciplina e submissão. A realidade a ser conhecida pela concepção bancária é estática, compartimentada e objeto passível de conhecimento por um observador neutro, imparcial, acabado e conclusivo. A essa concepção de educação, que designa oportunamente os educandos como alunos, é critério de primeira ordem manter a disciplina e a docilidade, e por vezes submissão, como condição para que sejam aceitos os “depósitos” que depois são mensurados por uma aparato técnico-didático formado por provas, exames, testes e designados, eufemisticamente, de avaliação. Mesmo os processos ditos de criação, são, na educação bancária, dirigidos, e mantidos nos limites da harmonia e aceitação da ordem do conhecimento, do poder e das hierarquias implicadas no processo educativo. A ocultação ou dissimulação das contradições e conflitos sociais que também estruturam o espaço escolar, é, na perspectiva freireiana, sustentáculo da reprodução da consciência ingênua.

A educação bancária para Freire (1987), e que também aparece nos trabalhos de bell hooks (2013) é um conceito que abarca o conjunto das estruturas educacionais burguesas e que, a despeito da sua diversidade, se conformam à ordem social. Elas têm em comum a ânsia em reprimir a emergência de uma postura rebelde, sufoca a curiosidade transformadora, prima pela passividade, são colonialistas, eurocentradas, patriarcais, enfatizam os resultados e não o processo, buscam relações de continuidade com a ordem social estabelecida, fomenta a competição e concorrência – portanto fundem a noção de justiça com a ideia de mérito -, hierarquiza os conhecimentos curriculares e quando acolhe os “extra-curriculares” toma-os em uma dimensão exótica, alegórica e como parte de um multiculturalismo celebratório, ignorando as repercussões epistemológicas e políticas de se lançar mão de uma ecologia de saberes (SANTOS, 2004; 2010)

A construção de uma pedagogia engajada é a forma como bell hooks (2013) tenta articular uma educação como prática da liberdade. Para a autora, uma pedagogia engajada é a adoção de uma intencionalidade no processo ensinar-aprender que transcende a mecânica técnico-didática do “partilhar informações” e se faz como compromisso de participar de modo integral de um crescimento intelectual e ético coletivo em um ambiente de colaboração e engajamento, “ligando a consciência à prática”. Uma abordagem holística do aprendizado através do qual busca-se “não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (hooks, 2013, p. 25-27).

### **Material e métodos /Metodologia**

Tradicionalmente o processo educativo escolar valoriza e legitima o acervo de conhecimentos construídos historicamente (o que é tomado como sinônimo das realizações científicas, tecnológicas e culturais dos europeus e seus herdeiros) e os professores e professoras como os responsáveis pela “transferência” já que se apropriaram dos conhecimentos depois de serem submetidos a uma rigorosa e exigente (não raro sacrificial) preparação técnica. A despeito de hoje considerarmos natural a ideia de formação ao longo da vida, isso não tem sido suficiente para superar a cadeia de poder que é baseada no ritual da formatura e na certificação institucional. Com novas e adornadas vestes, a perspectiva da “transferência” subsiste como dominante nos processos pedagógicos escolares. Mas isso não significa que essa forma de aprender esgota a experiência educativa dos diferentes grupos sociais, com diferentes identidades, condições ou posições sociais.

Sendo assim, os trabalhos educativos da pesquisa-ação foram desenvolvidos no Campus Araçuaí de forma remota através dos “diálogos de conscientização”, inspirados na teoria da ação dialógica de Paulo Freire, que constitui um dos fundamentos do que popularmente é conhecido como Método Paulo Freire.

A participação na Escola Libertadora aconteceu de forma livre e voluntária, como proposta de ampliação e/ou redefinição dos conteúdos curriculares estabelecidos. O impulso inicial para seleção dos temas e questões a serem discutidas valeu-se da apuração dos objetos de conhecimento que produzem maior engajamento em sala de aula bem como os que expressam mais os anseios,

experiências e expectativas dos vários segmentos da juventude. Em termos freireanos, esta etapa equivale à pesquisa do universo vocabular e universo temático para práticas de aprendizagem em contexto de pós-alfabetização. Tomamos, portanto, a sala de aula como lócus da realização da pesquisa de campo e as experiências dos (as) estudantes e educadoras (es) como material para construirmos situações a serem codificadas e decodificadas.

## **Resultados e discussão**

Em deliberação coletiva e horizontal, optamos pela discussão do tema racismo e lutas antirracistas, e homenageamos um militante do movimento negro e quilombola da cidade de Berilo/MG chamado Alê do Rosário, falecido em 2020. Foram realizados 4 encontros com intervalos mensais, de agosto a novembro de 2021. Os diálogos de conscientização foram tecidos com o estabelecimento de acordos e regras voltados ao favorecimento da livre participação de todos e todas.

## **Conclusão(ões)/Considerações finais**

Instaurou-se um ambiente que poderá servir como embrião de uma outra proposta educativa, lugar no qual a bibliografia não foi apartada das biografias. Desenvolveu-se uma prática de didascia materializada no processo de aprender a dizer a própria palavra, uma ação coletiva e radicalmente político-educativa. Espera-se que possamos diminuir os silêncios castradores, apassivadores e domesticados que ainda são valorizados como adequados à educação.

## **Agradecimentos**

A pesquisa-ação desenvolvida logrou êxito em formar uma comunidade de aprendizagem que extrapolou o âmbito do Campus Araçuaí. A todos(as) que fizeram parte (estudantes, servidores e comunidade externa) nossos sinceros agradecimentos, em especial a Marcos Luiz Silva, José Claudionor dos Santos Pinto e Alessandro Borges de Araújo - Alê do Rosário (*in memoriam*).

## **Referências**

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREIRE, Paulo.. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. A força educativa e emancipatória do movimento negro em tempos de fragilidade democrática. **Revista Teias**, v. 21, n. 62, jul/set 2020.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1998.